

**Das páginas dos
jornais aos
gabinetes de leitura:
rumos dos estudos
sobre a crônica de
Machado de Assis
Lúcia Granja**

Resumo Este artigo traça um panorama dos estudos e edições das crônicas de Machado de Assis, estabelecendo como um “divisor de águas” a discussão crítica e as edições que passaram a ser feitas a partir dos anos 1980. Acreditando que essas crônicas, embora muitas vezes de compreensão difícil, têm um grande potencial em relação ao conhecimento da obra de Machado e de suas idéias, procuramos, na segunda parte do artigo, focar os mais recentes estudos sobre esses textos. Considerando que a obra do cronista e a crítica dessa obra estejam ainda um tanto quanto dispersas, este artigo tem como objetivo dar a conhecer, da maneira mais organizada possível, a situação de acessibilidade à leitura em que se encontram os textos jornalísticos de Machado, assim como retomar e referenciar a discussão crítica em torno deles. **Palavras-chave** Machado de Assis; crônica; crítica; jornalismo e literatura.

Abstract This article provides a panoramic view of the critical studies and publications of Machado de Assis' newspaper columns, establishing as a landmark the critical debates and the publications since 1980. Based on the premise that these columns, although often difficult, are valuable instruments to understand the work of Machado de Assis and his ideas, in the second part of the article, we focus on the most recent studies of these texts. Considering that both the columns and the related criticism are not yet systematically gathered and organized, the goal of this article is to reveal, in the most organized way possible, the current access and readability of Machado de Assis' newspaper columns, as well as give continuity to and serve as reference for the critic debate around them. **Keywords** Machado de Assis; newspaper column (“crônica”); criticism; journalism and literature.

Relegadas a uma posição secundária, se não obscura, em vista da importância atribuída aos romances e contos, as crônicas de Machado são, no mínimo, surpreendentes, pelo desvelamento do homem e do escritor, pelo compromisso que implicam com o cotidiano da vida social, política e cultural do país, pela verdadeira militância que traduzem em face dos problemas da época, pela atualidade de temas e idéias e finalmente pelo trabalho formal de composição e escritura (especialmente carnavalizada).¹

A observação feita por Valentim Facioli em 1982, como parte de uma introdução à seleção das crônicas de Machado de Assis por ele preparada, abre este escrito a respeito da situação atual dos estudos sobre a crônica de Machado de Assis porque é preciso que justifiquemos o caminho escolhido para esta análise. Os estudos críticos que se aprofundam em interesse pelas crônicas jornalísticas escritas por Machado de Assis ao longo de sua carreira são relativamente recentes e poucos. Pensando nisso, antes de focar os últimos estudos sobre essas crônicas, optamos por um panorama, tanto breve quanto possível, a respeito de acontecimentos importantes em relação aos estudos e edições das crônicas de Machado. De antemão, pedimos desculpas ao leitor por algumas notas longas. Elas aí estão porque acreditamos na necessidade, urgente, de fazer acessível, a qualquer interessado, a história desses estudos e edições.

Não é difícil imaginarmos alguns dos motivos de o interesse por esses textos ser relativamente tardio. Lê-los é uma tarefa que impõe várias dificuldades. Uma delas, que, cremos, vem antes mesmo das dificuldades de apreensão do sentido de muitos comentários, é valorizar literariamente esses textos aparentemente tão “descartáveis”, escritos “ao correr da pena” para serem lidos “ao correr dos olhos”, como escrevera José de Alencar, em meados da década de 1850, referindo-se à atividade do folhetinista. O próprio Machado não achava que devesse editar todas as suas crônicas. Mário de Alencar, quando, em 1910, preparou sua edição das crônicas escolhidas de “A Semana”, alertou os leitores a respeito desse titubeio do escritor em relação aos textos de sua atividade jornalística:

[...] A idéia de coligi-las nasceu do desejo de servir à memória do escritor, acrescentando-lhe às obras editadas em volume esta outra que tão bem caracteriza o seu engenho literário, e que seria de lamentar ficasse esquecida ou ignorada. Ao próprio autor lembrei e pedi que as reunisse em livro e posto me objetasse às vezes com dúvida sobre o valor desses escritos, salvo um ou outro além dos já publicados nas *Páginas recolhidas*, não me pareceu que ficasse alheio ao pensamento de fazer a coleção.²

1 BOSI, Alfredo et alii. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982, p. 87. (Coleção Escritores Brasileiros: antologia e estudos)

2 ALENCAR, Mário de. “Advertência”. In: *A Semana*. 3 v. Reproduzida pela edição das *Obras completas* da Jackson de 1937 e seguintes.

Pelas palavras do amigo, o próprio Machado não tinha certeza de que esses textos tivessem “valor” suficiente para que fossem reunidos em livro. Talvez isso se devesse à preocupação do escritor em relação a uma das facetas da crônica, a história miúda da política e do cotidiano, que fazia com que os textos “envelhecessem” rapidamente. Assim, nas *Páginas recolhidas* às quais se refere Mário de Alencar, as poucas crônicas que ali se encontram são textos que poderiam ser compreendidos independentemente de sua relação com o contexto imediato de sua publicação, como o já famoso necrológio ao livreiro Garnier. Parece certo, então, que um dos critérios de Machado para a escolha e seleção de seus escritos jornalísticos teria sido a intemporalidade da matéria, mas, ao contrário disso, Mário de Alencar tinha em mente idéia diversa quando decidiu editar crônicas escolhidas de “A Semana”: a qualidade literária desses textos, preocupação que, como vimos, o próprio Machado parece haver considerado de somenos importância, em vista de uma das outras características da crônica, essa moderna filha de Cronos, “que não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa”.³

Assim sendo, quando optou pela não-reunião de suas crônicas, o escritor, sem querer, deu início a um problema que ainda não resolvemos por completo: a edição desses textos.⁴ Aproxima-se a data em que completará cem anos a morte de Machado e ainda é impossível encontrar essas crônicas reunidas e, em sua totali-

3 CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 24.

4 Mesmo nas edições de *Obra(s) completa(s)*, as crônicas são sempre incompletas e/ou têm a edição do texto malcuidada: a primeira edição das OC, da Jackson, em 1937, ao extrair os textos dos jornais para coligi-los em livro, acrescentou-lhes erros, muitos dos quais foram reparados, no caso das crônicas de “A Semana”, por exemplo, pelo trabalho cuidadoso de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, na edição de 1957. No entanto, apesar de reunir mais de duas mil páginas de crônicas, já que essa edição conta com quatro volumes intitulados “Crônicas”, e mais três dedicados à série “A Semana”, ela sofre, ainda, por uma ausência importante e por pontos de dúvida. Nela falta, por exemplo, a série “Bons Dias!”, já que esta só foi descoberta por José Galante de Souza em 1955, anos depois da primeira edição da Jackson, e publicada pela primeira vez em 1956 pela edição preparada e anotada por Raimundo Magalhães Jr., que continha também imprecisões e falhas, *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Mais tarde, estudando essas crônicas, John Gledson publicou-as em nova edição, com texto e notas cuidadas (*Bons Dias!*, 1990). Há ainda, na Jackson, algumas crônicas que foram atribuídas a Machado, referentes à sua colaboração na série “Badaladas” da *Semana Ilustrada*, mas, como tudo indica, essas crônicas tiveram a colaboração de vários escritores, sob o pseudônimo coletivo “Dr. Semana”, e, desse modo, os textos publicados pela Jackson sob autoria de Machado não foram selecionados com o suficiente cuidado.

dade, bem editadas.⁵ De qualquer maneira, esses textos têm sido hoje em dia melhor valorizados pela crítica e prometem, ainda, fazer muitas revelações importantes sobre Machado de Assis, a partir de variados pontos de vista, que vão da obra ao homem, passando pela coleção de suas idéias sobre a vida política, social e intelectual do Brasil de seu tempo e, necessariamente, sobre o fazer literário.

Essa valorização crescente dos estudos sobre as crônicas do escritor tem motivações importantes na década de 1980. É preciso apontar como divisor de águas a publicação de *Machado de Assis: ficção e história*,⁶ de John Gledson, em 1986, um

» Já a edição da Aguilar dessas crônicas (presentes no terceiro volume da *Obra completa* de Machado) apresenta uma situação ainda mais complicada, porque traz uma “seleção” das crônicas apenas: omite totalmente as primeiras, da década de 1860, e não publica por completo outras séries, por exemplo, “O Cruzeiro”, de 1878, e “Bons Dias”, de 1888-89.

Além das edições preparadas por John Gledson para “Bons Dias!” e “A Semana” (cf. tb. nota 5), as crônicas assinadas por Machado na série “Balas de Estalo” receberam edição preparada por Heloísa Helena Paiva de Luca (São Paulo: Annablume, 1998). A essa edição faz falta um índice de nomes e assuntos, mas ela organiza essas crônicas de forma completa, trazendo dois textos inéditos.

Sem pretensão à exaustão por se tratar de uma antologia, há ainda uma seleção das melhores crônicas, organizada recentemente por Salete de Almeida Cara: *Melhores crônicas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Global, 2003.

5 John Gledson foi quem publicou, até então, duas boas edições de duas séries dessas crônicas, com texto confiável, notas explicativas e introdução crítica. Esse estudioso da obra – inclusa a crônica – machadiana publicou em 1990 uma nova edição de “Bons Dias!”, crônicas saídas na *Gazeta de Notícias* entre 1888 e 1889 e, em 1996, publicou o primeiro terço das crônicas de “A Semana” (1892-93), também saídas na *Gazeta de Notícias*, entre 1892 e 1897 (cf. tb. nota 4). A situação da edição dessas crônicas tende a melhorar, uma vez que o próprio John Gledson está preparando novas edições das crônicas e uma reedição de *Bons dias!*. Na esteira, ainda, do trabalho iniciado por Gledson, outros pesquisadores, vinculados a Sidney Chalhoub, estão trabalhando na edição de diferentes séries de crônicas de Machado, e tudo isso deve sair publicado, ao longo dos próximos anos, pela Editora da Unicamp.

6 GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Uma segunda edição revista e ampliada do livro saiu pela Paz e Terra em 2003.

Além do capítulo sobre “Bons Dias!” publicado em *Ficção e história*, Gledson escreveu outros textos sobre a crônica de Machado, entre eles as duas introduções às edições de “Bons Dias!” e “A Semana”. Há, ainda, um outro texto em que o crítico analisa mais detidamente a primeira das crônicas de “A Semana”: GLEDSON, John. “Machado de Assis’s patriotism: a crônica of 1892”. *Letteratura d’America*, n. 10, p. 63-86. Esse texto e mais o estudo introdutório para a edição de “A Semana” serão publicados em uma nova coletânea de artigos que Gledson está organizando e deverá sair em 2006 pela Companhia das Letras.

livro corajoso e que traz um estudo longo e sério a respeito da série “Bons Dias!”⁷ O livro de John Gledson reposicionou *Casa velha* no quadro de importância dos textos machadianos e levantou uma idéia nova sobre a composição ficcional machadiana, cujo funcionamento ele demonstrou por meio da análise de outros romances de Machado: a alegoria da política nacional como intencionalidade da narrativa. Desse livro, interessa particularmente a este escrito o capítulo sobre as crônicas, no qual o crítico apresenta definitivamente a importância delas para conhecer as idéias de Machado sobre seu tempo e o desdobramento literário dessas idéias em seu trabalho jornalístico. Ainda que o publicasse em meados dos anos 1980, Gledson fez uma espécie de “justificativa” ao capítulo que nos prova que o estudo das crônicas, da maneira como ele o desenvolveria ali, era algo novo.

Este capítulo trata, quase exclusivamente, da série de crônicas “Bons Dias!”. Na verdade, não há necessidade alguma de justificar isso. Todos concordamos que os gêneros “menores” não devem ser ignorados, ainda mais quando o autor [...] é um mestre no gênero, o “grande” Machado de Assis. Mas é espantoso como se tem estudado pouco, de maneira mais séria, o jornalismo de Machado. O motivo simples — ou um deles — é que nos faltam os instrumentos para a tarefa: ou seja, o entendimento básico das crônicas em sentido literal [...]⁸

Sem dúvida, depois do livro de Gledson – e da edição da série “Bons Dias!” que ele viria a preparar – o interesse pelas crônicas de Machado acendeu-se progressi-

7 Sem dúvida, Gledson não foi o primeiro a se interessar pelas crônicas. O incansável pesquisador José Galante de Sousa, por exemplo, tem um mérito enorme, entre outros, o de ter descoberto textos desconhecidos de Machado na década de 1850, entre eles as crônicas de “Bons Dias!”. Raimundo Magalhães Jr., biógrafo e estudioso da obra de Machado, foi o primeiro a se preocupar com edições anotadas e dos primeiros a estudar algumas dessas crônicas, mas as edições de Magalhães Jr., segundo aponta o próprio John Gledson, trazem, em muitas passagens, textos inexatos, informações desnecessárias nas notas e, por outro lado, deixam de lado informações que seria importante trazer às claras (GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Op. cit., 2ª ed., p. 136-7). Brito Broca é outro nome que não pode ser esquecido. Leitor e conhecedor das crônicas de Machado, comenta várias delas em *Machado de Assis e a política & outros estudos* (São Paulo: Polis; Brasília: INL/Fundação Pró-Memória, 1983), uma reunião de textos que o crítico escreveu sobre Machado entre 1949 e 1952.

8 GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Op. cit., 1ª ed., p. 115.

vamente, e vários estudos, teses de doutorado e dissertações de mestrado foram surgindo, por curiosidade anterior pelo assunto, ou na esteira do trabalho de Gledson.⁹ Mas, se o trabalho de Gledson direcionou o olhar dos estudiosos para a importância de compreendermos em profundidade as crônicas de Machado, a despeito das dificuldades de leitura que elas hoje em dia podem nos trazer, é preciso fazer justiça a alguns textos anteriormente surgidos, e que já demonstravam interesse genuíno pela leitura e análise delas. Gustavo Corção publicou o seu “Machado de Assis cronista” no *Diário de Notícias* em 28 de setembro e 5 de outubro de 1958. Pouco depois, o texto, que centra sua análise nas crônicas de “A Semana”, veio a servir como introdução à seleção de crônicas feita pela *Obra completa* publicada pela editora Nova Aguilar. Nesse escrito, Corção percebeu muito bem a impressionante habilidade que o narrador cronista tinha para a composição do todo a partir do sobrevôo “que toca as raias do delírio”. Segundo ele, a “técnica de desenvolvimento” usada por Machado “[...] vai de uma coisa aqui para outra acolá, passa do particular para o geral, volta do abstrato para o concreto, desliza

9 Aproveito a oportunidade deste escrito para agradecer publicamente a Vera Maria Chalmers e John Gledson por terem me sugerido e incentivado o trabalho com as crônicas de Machado de Assis, no início da década de 1990, o qual resultou, entre outros textos, no livro em que analiso as primeiras, escritas para o *Diário do Rio de Janeiro*, na década de 1860 (*Machado de Assis, escritor em formação* (à roda dos jornais). Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000) e em um artigo em que comento algumas dessas crônicas à época da Guerra do Paraguai: GRANJA, Lúcia. “A língua engenhosa: o narrador de Machado de Assis, entre a invenção de histórias e a citação da História”. In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 85-117. Aproveito ainda a oportunidade para dizer que nas prateleiras das bibliotecas universitárias há vários trabalhos de mestrado e doutorado sobre as crônicas, bibliografia mais dispersa, mas que precisa também ser valorizada. Cito algumas dessas teses e dissertações das quais tive conhecimento ao longo de meu próprio trabalho, já me desculpando por não poder ser exaustiva nessa tarefa: CLARO, Sílvia Mussi da Silva. *Aspectos da presença de Shakespeare no Rio de Janeiro: 1839-1908 — repercussões na crônica de Machado de Assis*. São Paulo, 1981. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo; CARDOSO, Marília Rothier. *Gazeta de bruxo*. Rio de Janeiro, 1990. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica; BETELLA, Gabriela Kvacek. *O funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados: a crônica de Machado de Assis em “Bons Dias!”*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo; DIAS, Maria do Carmo Molina. *A retórica do descompasso na crônica de Machado de Assis*. São José do Rio Preto, 2003. Tese (Doutorado) — Unesp; LUCA, Heloísa Helena Paiva de. *A poética de um gênero — Molière nas crônicas machadianas*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo.

do atual para o clássico, galga do pequeno para o grandioso [...]”. Equivale a reconhecer no narrador cronista da década de 1890 a mesma habilidade do narrador da ficção, tantas vezes assinalada pela melhor crítica. Não se trata de demérito para o articulista, pelo contrário: Corção, afinando o ouvido musical que evoca em seu artigo, conseguiu discernir na escrita jornalística o mesmo tom utilizado na inovadora técnica da narrativa dos romances e contos, associando um e outro narradores, mais a transposição de técnicas de uma forma literária a outra, o que acontece, afinal, desde as primeiras crônicas do escritor, no início da década de 1860. Nessa esteira, Sônia Brayner escreveria artigo muito substancioso, mostrando a crônica (e o conto) como um lugar privilegiado para o “laboratório ficcional” do escritor: “Foi o campo da crônica jornalística que forneceu a Machado de Assis o desembaraço preparatório para as experiências de um novo enunciado romanesco”.¹⁰ Brayner explica também: “O contato cotidiano com o leitor historicamente datado, o trabalho sobre uma oralidade necessária ao gênero, vão dar-lhe elementos para pesquisar a tessitura literária, cuja prática e progresso também é visível no conto”.¹¹ Por fim, podemos dizer que os trabalhos de Marlyse Meyer sobre a história do folhetim e a chegada do gênero ao Brasil são também referências importantes para todos os estudos sobre Imprensa e Literatura no século XIX. As crônicas de Machado vêm citadas invariavelmente em seus artigos, e especificamente sobre o escritor há, por exemplo, o artigo “De estação em estação com Machadinho”, em que a autora vai “seguindo as pegadas” de Machado pela revista *A Estação*, examinando por esse “método” também o periódico.¹²

¹⁰ BRAYNER, Sônia. “As metamorfoses machadianas”. In: *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: MEC, 1979, p. 55. O artigo foi republicado em: BOSI, Alfredo et alii. Op. cit., p. 426-37.

¹¹ BRAYNER, Sônia. Op. cit., p. 55.

¹² MEYER, Marlyse. “De estação em estação com Machadinho”. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. Este artigo corresponde à terceira parte de outro mais longo, “Estações”, que viria a ser publicado em MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993. O volume *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil* é resultado de um seminário ocorrido entre 19 e 21 de outubro de 1988, na Fundação Casa de Rui Barbosa, e traz, ainda, uma nova versão de outro texto de Meyer: “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica”, em que comenta algumas passagens das crônicas de Machado, a partir da perspectiva da “aclimatação” do gênero no Brasil. É preciso também dar o devido destaque a outros dois estudos sobre as crônicas de

Uma vez que comparecem a esse escrito aqueles que abriram caminho aos mais recentes estudos a respeito da crônica de Machado de Assis, podemos seguir em frente e dizer que, atualmente, há dois tipos de interesse por esses textos: estudos sobre as próprias crônicas e estudos de interesse variado que usam essas crônicas como fonte de informação, matéria, testemunho, entre outros. Nenhum tipo é melhor que o outro, posto que as crônicas podem e devem ser estudadas por sua composição literária, pela riqueza de informações que podem nos trazer, ou pelas duas coisas juntas. José Miguel Wisnik, por exemplo, publicou recentemente um longo e excelente ensaio em que analisa, principalmente, um conto do escritor, “Um homem célebre”, e mostra como “Machado fez [...] uma curiosa e penetrante análise da vida musical brasileira em fins do século 19, armando uma equação nada simples, em cujas incógnitas se desenham precocemente linhas do destino da música popular urbana no Brasil, para dizer pouco [...]”¹³ A essa análise comparecem crônicas de Machado que trazem informações sobre a história cotidiana da música no século XIX, as quais servem para ratificar afirmações do articulista e sugerem-lhe vôos interpretativos, além de confirmar, agora sob novo ponto de vista, as antecipações que a crônica machadiana faz em relação à ficção do escritor: “Comparando o melodrama d’*O Machete*’ com a crônica de *O Cruzeiro* [...] confirmamos o fato, conhecido, de que Machado já exercitava na crônica, em 1878, um desembaraço irônico-paródico que estava longe de praticar na ficção, embora o fizesse em alguns contos [...]”¹⁴ Um outro recém-lançado livro traz-nos, ainda, mais um exemplo da utilização dessas crônicas na análise de outros textos literários de Machado. Jean-Pierre Chauvin publicou recentemente sua disserta-

» Machado, apresentados nesse mesmo seminário e publicados nesse mesmo livro: “Machado de Assis: um cronista de quatro décadas”, de Sônia Brayner, e “Em caso de desespero, não trabalhem. A política nas crônicas de Machado de Assis”, de Beatriz Resende. Da década de 1990 citamos, ainda, mais dois trabalhos sobre as crônicas: PORTELA, Eduardo. “Machado de Assis, cronista do Rio de Janeiro”. In: SECCHIN, Antonio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes de e SOUZA, Ronaldo de Melo e (orgs.). *Machado de Assis, uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Folio, 1998, e ANDRADE, Ana Luiza. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis: “passagens entre o livro e o jornal”*. Chapecó: Grifos, 1999.

¹³ WISNIK, José Miguel. “Machado maxixe: o caso Pestana”. In: *Sem receita*. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 21. O artigo fora anteriormente publicado em *Teresa* revista de Literatura Brasileira (São Paulo), Ed. 34, n. 4/5, 2003.

¹⁴ *Ibidem*, p. 39.

ção de mestrado, uma releitura do conto “O alienista”, e utilizou em sua análise, fartamente, trechos das crônicas, visto que “sugerem algumas correspondências entre os temas cultivados por Machado em sua prosa”.¹⁵ A presença das crônicas confirma, por exemplo, idéias do narrador ficcionista, desenvolvidas também pelo narrador cronista. Sobre Simão Bacamarte, vale a seguinte comparação. O narrador do conto diz-nos que o médico era frio e paciente: “*A paciência do alienista era ainda mais extraordinária do que todas as manias hospedadas na Casa Verde; nada menos que assombrosa*”¹⁶ Segundo compara Chauvin, essa mesma idéia aparecia em uma crônica de 1885, da série “Balas de Estalo”: “Para Machado: *A paciência, com perdão da palavra, é um biscoito moral, dado pelo céu a muito poucos*”¹⁷ Se história e literatura convivem no “entre fronteiras” da crônica, é natural que historiadores e literatos se interessem por ela. Nesse caso, Sidney Chalhoub também tem ouvido várias vezes o testemunho literário das crônicas de Machado de Assis. Um exemplo vem do seu recente livro sobre o escritor, *Machado de Assis, historiador*, em que observa como o narrador da crônica machadiana reagia em alinhamento a Machado funcionário público, nas questões relativas aos efeitos da lei de 28 de setembro de 1871, a conhecida Lei do Ventre Livre: “[...] Parece-me [...] que em outubro de 1876, o funcionário Machado de Assis nutria a esperança de que o fundo [de emancipação dos escravos] começasse a funcionar [...] Nesse caso, Manassés, o narrador fictício da crônica, apenas deixava transparecer o estado de espírito do autor/funcionário sobre a lei de 28 de setembro [...]”¹⁸ Historiadores ou literatos, as crônicas de Machado fornecem material a todos.

Vemos, então, que essas crônicas podem perfeitamente nos ajudar a entender melhor as idéias e textos do escritor. Por outro lado, qual seria o valor dessas crônicas por si mesmas? Os últimos estudos chamam a atenção para uma questão impor-

¹⁵ CHAUVIN, Jean-Pierre. *O alienista: a teoria dos contrastes em Machado de Assis*. São Paulo: Reis Editorial, 2005, p. 8.

¹⁶ *Ibidem*, p. 45.

¹⁷ *Ibidem*, p. 45.

¹⁸ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 231. Chalhoub é organizador de um novo livro, sobre a crônica, em conjunto com Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso Miranda Pereira. O livro, em que está presente também a crônica machadiana, chama-se *História em cousas miúdas* — Capítulos de história social da crônica no Brasil [Editora da UNICAMP, 2005].

tante, e que já apontamos: a construção literária dessas peças. Dílson da Cruz Júnior, que publicou em 2002 sua dissertação de mestrado,¹⁹ enfoca as crônicas da série “A Semana”, mais especificamente aquelas publicadas entre abril de 1892 e dezembro de 1893 e que correspondem em sua absoluta maioria a uma das séries que receberam a edição cuidadosa de John Gledson, conforme assinala o autor.²⁰ Assim, analisando as mesmas crônicas para as quais Gledson preparara sua edição e introdução crítica, Dílson reconhece a importância das notas preparadas por Gledson e do grande esforço que faz o crítico para associar determinadas passagens da crônica aos acontecimentos do período, mas afirma que, principalmente em relação às crônicas da “segunda fase” machadiana, “os fatos discutidos nas crônicas não são o seu objetivo último”.²¹ Ele os analisa, então, como “pré-textos” para que o cronista “discutisse algo que, se não é o mais importante, é o mais freqüente nessas crônicas [...]: o ato de narrar”²² A partir da perspectiva da Análise do Discurso, especialmente da idéia de polifonia cunhada por Bakhtin, demonstra que a subversão do texto é prática do discurso machadiano, que viola fronteiras enunciativas. Por esse caminho, segundo analisa o autor, joga-se luz novamente sobre os fatos como matéria narrativa das crônicas e como “veículos que nos conduzem a todo um jogo de vozes contido no texto”²³ e, na esteira das idéias de Antonio Candido e Roberto Schwarz, à captação da dinâmica do funcionamento da sociedade brasileira. Sempre reconhecendo a importância de se analisar a composição textual da crônica machadiana, é bom que estejamos atentos também para o fato de que do conhecimento o mais amplo possível dos assuntos tratados pela crônica, e da identificação das várias vozes contempladas por esse discurso, dependerá a análise da composição literária – ou discursiva – desses textos, importantíssima, é claro, e impossível de ser levada a cabo corretamente, ou completamente, sem o conhecimento de todos os fatos e detalhes das nuances

19 CRUZ JÚNIOR, Dílson Ferreira da. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*. São Paulo: Nankin Editorial/Humanitas FFLCH/USP, 2002.

20 Ibidem, p. 23.

21 Ibidem, p. 25.

22 Ibidem, p. 24.

23 Ibidem, p. 28.

às quais descem os comentários de Machado. Nesse sentido, a perspectiva minuciosa do olhar de John Gledson, a transformar referências, alusões, comentários simples, entre outros, em dados do conhecimento do leitor atual, é o primeiro trabalho a se fazer — ou que deveríamos já ter feito — em relação a esses textos. Esse é um aspecto importante que o recorte de trabalho feito por Dílson Cruz Júnior — as crônicas editadas e organizadas por Gledson — deixa entrever.

Em fevereiro de 2004, Alfredo Bosi inaugurou a Série Literatura da Coleção Documentos do Instituto de Estudos Avançados da USP com o ensaio “O teatro político nas crônicas de Machado de Assis”. Nesse caderno, em que homenageia os textos sem dúvida menos estudados de Machado, Bosi analisa, principalmente, crônicas da fase madura do escritor, a maioria delas das séries “Balas de Estalo” (1883-86) e “A Semana” (1892-97).²⁴ Segundo o crítico, em suas últimas crônicas, Machado

[...] não se mostra interessado no que pulsaria no fundo ou por trás da cena parlamentar que a Câmara propiciava em uma de suas cerimônias “interessantes”. O que o seduzia era a retórica de lances individuais em contraste. É próprio dos espetáculos brilharem só por algumas horas e depois passarem; a crônica evoca-os sabendo que são de ontem, e que o amanhã costuma esquecê-los. O que impressiona no texto machadiano é o movimento passageiro das aparências, que é vivo e tem a sua verdade na medida em que os mecanismos políticos não dispensam o teatro [...].²⁵

Nesse sentido, a política está, nas crônicas, posta em situação de um teatro imaginário que o cronista constrói a partir das galerias das câmaras, mesmo depois de “ter-se apartado fisicamente do seu posto juvenil de observador parlamentar”²⁶ Para Bosi, portanto, importa mais a cena que o entrecho, a construção que o fato e, para além do comentário dos fatos, a “consciência reflexiva, trabalho da mente

24 As idéias de Bosi sobre a crônica de Machado, especialmente as de “A Semana”, são completamente opostas aos argumentos desenvolvidos por John Gledson. Segundo Bosi, a política entra nessas crônicas como cena, e para John Gledson, Machado comenta os fatos oferecendo ali alguns juízos sobre os acontecimentos políticos.

25 BOSI, Alfredo. *O teatro político nas crônicas de Machado de Assis*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, fev. de 2004, p. 5-6 (Série Literatura, n. 1).

26 *Ibidem*, p. 6.

que converte as impressões do cotidiano em juízos de valor”²⁷ Ninguém duvidaria do ceticismo deste observador especial daquela nova sociedade pelos idos de 1890, e Bosi lê essas crônicas por meio do irônico desencantamento machadiano. Colocando a questão existencial como fulcro da análise, a política aparece, no limite, como encenação desse ceticismo, distanciada, portanto, do terra-a-terra quotidiano dos acontecimentos da vida política, econômica e social. A preocupação de Bosi em acentuar a política como construção advinda do imaginário artístico, o teatro da política, está ligada também ao risco do olhar que vê nessas crônicas o puro interesse pelo documento, visto que, uma vez excluída a construção artística, é inegável que a leitura dessas crônicas perderá muito em alcance. Assim, mais do que “mero reflexo do quadro empírico [...] o que está perto dos olhos é mediado pelo intervalo moral e estilístico”²⁸

A tese que Bosi desenvolve nesse ensaio é original, mas, para começarmos a concluir, encontra-se com duas questões que vêm reaparecendo aqui e ali nos trabalhos apresentados por este escrito: a do aprendizado do próprio cronista e a da intensa movimentação do narrador machadiano em seu ofício de cronista, uma das matrizes, portanto, para o narrador ficcionista maduro. O observador da semana que “borboleteia” entre os assuntos não segue apenas o movimento da costura das notícias e acontecimentos, como parece ser comum entendermos. Na verdade, esse narrador, à medida que avança no espaço das linhas e colunas dos jornais, afasta-se e aproxima-se da transformação desses fatos em matéria narrativa, fazendo uso do espaço tridimensional para movimentar-se. O olhar míope com que segue de perto alguns deles transforma-se completamente quando esse narrador se afasta para muito longe do realismo miúdo da cena diária. Dessa perspectiva tão distanciada e, necessariamente, tão “de fora”, ele nos mostra a cena e, simultaneamente, seu olhar sobre ela. A partir desse afastamento simula, ainda, uma situação na qual os indivíduos se sentem livres do olhar humano, ou da lente do narrador, e, dessa forma, todas as verdades se revelam. Nesse momento, o olhar crítico é, paradoxalmente, estabelecido, e o narrador vitorioso em sua técnica pode dar-se a qualquer luxo, inclusive ao de não querer comentar algum assunto

27 Ibidem, p. 8-9.

28 Ibidem, p. 9.

ou opinar sobre ele. É a vez do teatro: entram em cena, por um lado, o olhar da platéia e, na perspectiva de Bosi, por outro, o olhar descrente do cronista.

O jovem Machado de Assis deve mesmo ter-se dado conta várias vezes da condição de espetáculo dos debates nas câmaras. Em 1860, o *Diário do Rio de Janeiro* reaparecera transformado, dirigido por Saldanha Marinho, que era auxiliado por Henrique Cezar Muzzio e Quintino Bocaiúva. Foi pelas mãos deste último que Machado foi contratado para a equipe de redação do jornal. Segundo ele próprio nos conta em “O velho Senado” — um dos textos “recolhidos” por Machado em 1899 —, antes de convidá-lo, Quintino Bocaiúva sondou-lhe, em conversa, as opiniões políticas:

[...] Nem é exato dizer que conversamos de política, eu antes respondia às perguntas que Bocaiúva me ia fazendo, como se quisesse conhecer as minhas opiniões. Provavelmente não as teria fixas ou determinadas; mas, quaisquer que fossem, creio que as exprimi na proporção e com a precisão adequadas ao que ele me ia oferecer. De fato separamos com prazo dado para o dia seguinte, na loja de Paula Brito [...] na manhã seguinte, achei ali Bocaiúva escrevendo um bilhete [...] Vinha dar-me um lugar na redação com ele e Henrique Cezar Muzzio.²⁹

Além de responsável pelo noticiário, Machado exercia a função de repórter no Senado, resenhando os debates ocorridos nessa Câmara. Sem dúvida, já nessa época, começava a incomodá-lo a retórica vazia dos oradores, conforme registrará nas crônicas que escreverá, mais tarde, para o próprio *Diário*. Sem dúvida também, o jovem jornalista estava atento à *mise-en-scène* dos políticos em sua atuação no parlamento. Tanto é que, muitas vezes, esses representantes da nação foram comparados a personagens célebres de teatro.

Dessa forma, tornando-se cronista, o jovem jornalista pôde reunir em um só texto a palavra escrita, a palavra proferida na tribuna e a palavra dramatizada, explorando, dessa maneira, a literariedade de seu texto e unindo as três manifestações nas quais a palavra era especialmente construtora, conforme ele próprio definira

29 MACHADO DE ASSIS, Joaquim M. “O velho Senado”. In: *Páginas recolhidas. Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, v. II, p. 636-44.

em suas primeiras aventuras jornalísticas: “[...] a palavra escrita na imprensa, a palavra falada na tribuna, ou a palavra dramatizada no teatro, produziu sempre uma transformação. É o grande *fiat* de todos os tempos”.³⁰

Pão ou pães, é questão de opiniões, disse o narrador Riobaldo. Tomando as precauções necessárias para penetrar neste terreno escorregadio e ainda pouco conhecido, os pesquisadores que se debruçarem futuramente sobre as crônicas de Machado têm muito a contribuir para a análise da obra desse grande escritor. Por ora, no entanto, suspendamos o passado, adiemos o futuro e fiquemos atentos ao que nos disse o próprio cronista:

Compilador do século xx, quando folheares a coleção da *Gazeta de Notícias*, no ano da graça de 1844, e deres com estas linhas, não vás adiante sem saber qual foi a minha observação. Não é que lhe atribua nem uma mina de ouro, nem grande mérito; mas há de ser agradável a meus manes saber que um homem de 1944 dá atenção a uma velha crônica de meio século. E se lewares a piedade ao ponto de escrever em algum livro ou revista: “Um escritor do século xix achou um caso de cor local que não parece destituído de interesse...”, se fizeres isso, podes acrescentar como o soldado da canção francesa:

“*Du haut du ciel — ta demeure dernière —
Mon colonel — tu dois être content*”...³¹

Do alto do céu – ou dos confins dos infernos – ele agradece.

Lúcia Granja é doutora em Letras pela UNICAMP, professora de Literatura Brasileira na UNESP (São José do Rio Preto) e estudiosa das crônicas de Machado de Assis. Atualmente, trabalha na edição de algumas das séries de crônicas do autor. É autora do livro *Machado de Assis, escritor em formação* (à roda dos jornais). [Mercado de Letras/FAPESP, 2000].

³⁰ Idem. “Idéias sobre o teatro”. *O Espelho*, 2.10.1859. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1951, v. 30, p. 19.

³¹ Idem. “A Semana”. *Gazeta de Notícias*, 19.8.1894.